

“Defesa da poesia moderna contemporânea”

(Fragmento duma conferência de João Gaspar Simões)

E' tempo de entrarmos na nova fase ou momento da poesia moderna portuguesa. Se bem observarmos a obra dos poetas atrás referidos chegaremos a esta conclusão: a sua presença na literatura nacional acusa-se ou por actuação colectiva ou simplesmente por actuação individual.

A sua actuação colectiva—e por actuação colectiva entendo a tentativa de todos os poetas em conjunto no sentido de reformarem os cânones poéticos nacionais—traduz-se numa série de experiências, sem continuidade, para agregarem em torno duma revista um grupo de individualidades afins. A verdade, porém, era não se concretizarem as afinidades destes poetas senão num anseio por qualquer coisa de impreciso. D breve se desagregaram essas conjunções, das quais não ficava nada além das obras de cada poeta e o grito de revolta de todos. São elucidativos os manifestos de José de Almada Negreiros, de Álvaro de Campos, de Raul Leal. Todos exprimem igualmente repúdio da rotina e o horror pelo marasmo da vida intelectual portuguesa. Mas as afirmações individuais iam ganhando consistência. Repito o que uma vez escrevi: A geração que se revela no *Orpheu*, no *Portugal Futurista*, no *Centauro*, na *Athena*, na *Contemporânea*, é uma geração de individualidades; melhor, não é uma geração—são individualidades.

O que se vai afirmar com a revista *Presença* é, pelo contrário, uma geração—geração de concretização crítica do que fôra aspirações nessas outras individualidades, qualquer que seja o valor dessa geração, claro.

No número três de revista *Presença* (Abril de 1927) num artigo intitulado «Da geração Modernista», escrevia José Régio: «E' natural que o grande público desconheça até o nome dos mestres contemporâneos (referia-se José Régio a Mário de Sá-Carneiro, a Fernando Pessoa, a Almada Negreiros)—perdoem-me eles chamar-lhes mestres: A mocidade duma obra só vem a ser aceite quando o tempo correu sobre ela. Mas estes são os mestres contemporâneos, porque mestres contemporâneos são os homens que, pior ou melhor, exprimem as tendências mais avançadas do seu tempo, isto é, a parte do futuro que já existe no presente. Enfim: são os *futuristas*. Sucessores destes serão os que exprimem o futuro ainda não expresso por estes—são os *futu-*

ristas de depois. E assim por diante. *Rtra bien qui rira le dernier.*»

Quere dizer: a geração que se ia afirmar com a *Presença*, em vez de romper com uma marcha de bota a baixo—rompia com um acto de compreensão e de justiça: reconhecer os seus mestres e valorizá-los convenientemente. Não é este o momento oportuno para se fazer a história desse movimento literário. Ocupamo-nos apenas do movimento poético. Mas há notas que se nos afiguram dever ser frisadas. A poesia dos poetas revelados depois de 1927, ou por essas mediações, vinha cheia deste sentido totalizador e compreensivo. Tais poetas sabem donde vêm, sabem para onde vão. Assim José Régio sintetizava, desta maneira, no já citado artigo da *Presença*, as características da poesia moderna, vulgo modernista:—«Tendência para o abandono às forças do subconsciente, e simultaneamente para o domínio da intelectualidade na arte.—Tendência para a transposição, isto é: para a expressão paradoxal das emoções e dos sentimentos.» E mais tarde, em Dezembro de 1929, afirmava na mesma revista: «Em qualquer tempo houve dervistas: Pois em todos os tempos houve quem partisse atrás de não sei que intuição do desconhecido, e que se torturasse (ao mesmo tempo vencido e vencedor) na febre de realizar não sei que virtualidades, de ampliar, de remexer, e ilimitar o mundo que qualquer espécie de código artístico, social, religioso, moral, intelectual e metafísico não consegue senão fechar.» Afirmando deste modo a sua crença numa capacidade de ilimitação do homem, que procura realizar-se para além de todas as peias de escola, de credos, José Régio mostra-se um poeta consciente da sua própria riqueza, capaz de aceitar os outros pelo que eles em si mesmos representam e de a si mesmo se revelar por aquilo que está crente de ser. A poesia ia agora ser dominada pela ideia que há que integrar o homem em si mesmo, e dar-lhe todas as possibilidades de se realizar dentro dos horizontes infinitos duma arte que será eterna enquanto for humana e livre. Do passado não se aceita senão o que merece ser presente. Nada de presente se aceita que não tenha o selo do eterno. Ampla admissão de todas as formas humanas da Arte: repúdio das contrafacções e dos modernos por profissão. Quere dizer: crítica afirmação dos valores eternos da arte—originalidade e humanidade!

comissários de café e dos grandes fazendeiros e criadores, nunca será mansão de Crésus, enquanto, ao lado dos embutidos e tauxiados das salas e, mesmo, de simples cubículos, não figurarem esses engastes preciosos de que tanto temos, muito diferentes na textura dos que por lá se desbastam.

Por outro lado, enquanto nos for possível extrair, poderemos contar com mercado para os resinosos. A *auroucaria brasiliensis*, de boa madeira e pinhão saboroso e farto, não pode competir, nem em qualidade, nem em quantidade, com o nosso pinheiro bravo na produção da água-raz e da colofónia. Ora o Brasil, tal é a transformação por que passa, está prestes a necessitar destas matérias primas, em quantidade tal que, de per si, nos absorveria a produção por inteiro. Finalmente, e de um modo geral, po-

demos dizer que em todos os campos de produção temos produtos permutáveis—o que, de resto, sucede um pouco por toda a parte. A maior parte das vezes, o que caracteriza a barganha não é o facto da carência a ser sofrida pela fatura; é a procura da *qualidade*, da *feição típica*, o que leva, bastas vezes, ao paradoxo comercial de se trocar igual por igual, entre dois países, mas em preços diferentes.

Quanto à nossa posição nesse eventual concerto, é claro que teríamos o que escolher à farta por terras brasileiras, isto, sem prejuizo das nossas províncias de Além-Mar. E, como Portugal se não limita à nesga continental, tem o Brasil amplo terreno onde poderá evoluir em função de compra e venda. Há, paralelamente, grandes possibilidades, mal focadas na exiguidade destas linhas, mas exequíveis a negociado-

res estudiosos e dotados de boa-vontade, a um dos quais—entre poucos outros—o sr. dr. Nuno Simões, a obra do intercâmbio muito ficará devendo.

E pomos fecho neste capítulo mercantil, lastimando a desorganização em que está o serviço para venda do livro português no Brasil. Todas as tentativas de coligação têm falhado. As exhibições, as exposições, tais como são feitas em nada resultam, porque lhes falta alma e espírito utilitário, aliados às necessárias condições aliciatórias. Tudo isto, afinal, só porque as nossas casas editoras ainda não quiseram concordar em que da união cerrada e inteligente do livreiro português depende, até certo ponto, o nosso sucesso livresco em terras de Além-Atlântico.

ALBERTO LIMA